

Abraços e sorrisos no encontro com gigantes

Do correspondente em Cuiabá

O sertanista Cláudio Villas Boas conseguiu domingo o tão esperado contato pessoal com os kranhacárores — índios gigantes — atingindo assim o principal objetivo da missão que partiu há 382 dias do Parque Nacional do Xingu para o Vale do Rio Peixoto Azevedo, na selva amazônica. Ontem, os índios voltaram ao local onde se encontra acampado o grupo da Funai, comandado por Cláudio, às margens da rodovia Cuiabá-Santarém, ocasião em que se

repetiram as cenas do dia anterior: ao notar a presença dos indígenas, que formavam um grupo de trinta, aproximadamente, o sertanista foi ao seu encontro e abraçou vários deles, que responderam com sorrisos, após o que houve uma rápida troca de presentes.

Villas Boas revelou ontem que os índios gigantes falam uma mescla de Gê com um outro idioma, ainda não identificado, e estão concentrados nas proximidades do posto de atração, em razão do que ele espera um novo encontro para amanhã ou quinta-feira.



A expedição para pacificar os índios gigantes durou mais de um ano

Índios desconfiados

Desconfiados e hesitantes, os índios gigantes se aproximaram, domingo, do acampamento localizado às margens do Rio Peixoto de Azevedo. Ao notar a presença do grupo, Cláudio Villas Boas adiantou-se e foi logo abraçando-os, para que eles se sentissem entre amigos.

A tática deu certo — segundo o sertanista — e os índios ficaram desconfiados, trocaram presentes rapidamente com a expedição da Fundação Nacional do Índio e retiraram-se em seguida, em meio a risos e muita algazarra, embora demonstrando um certo espanto pelo primeiro contato com os brancos.

Na manhã de ontem, os índios — aparentemente os mesmos — retornaram ao local, onde se repetiu praticamente o encontro do dia anterior: depois dos abraços, os representantes da Funai presentearam-nos com colares, facas, machados e outros objetos, recebendo arcos, flechas e bordunas.

Segundo o sertanista Cláudio Villas Boas, a maioria dos gigantes que compareceram ao acampamento da expedição tem uma estatura

mediana — 1,70 metro — e alguns chegam a quase dois metros de altura.

A BUSCA

A longa e penosa busca que culminou com os contatos dos últimos dias começou no dia 18 de janeiro do ano passado, quando a expedição da Fundação Nacional do Índio partiu, com 26 índios aculturados, sob a chefia de Cláudio, para o Vale do Rio Peixoto de Azevedo, às margens da Rodovia Cuiabá-Santarém.

Naquela região haviam sido localizadas as três aldeias dos índios gigantes, que poderiam tornar-se um sério obstáculo para o prosseguimento dos trabalhos de implantação da BR-165.

A necessidade de uma rápida contactação tornava-se cada vez mais vital, porque a Funai já tinha notícias de que os índios gigantes rondavam o acampamento de uma turma de topógrafos, que representava a linha de frente na implantação da estrada que deverá ligar Cuiabá a Santarém, considerada pelo governo federal como uma das rodovias mais importantes para a integração da região amazônica.

Dia após dia, uma questão de paciência

16 de janeiro de 72 — A expedição, que pretende estabelecer o primeiro contato com os índios gigantes, parte do Posto Leonardo Villas Boas, sede do Parque Nacional do Xingu.

20 de janeiro — Abrindo picada a foíce e machado, a expedição começa a enfrentar as dificuldades da selva com o aparecimento de fortes chuvas.

23 de janeiro — A chuva continua e Cláudio Villas Boas teme que falte suprimento para a expedição, constituída de 28 índios aculturados, e que já se encontra a 40 quilômetros da base de Cachimbo.

29 de janeiro — Cláudio Villas Boas comunica à Funai: "Possivelmente, entre de 15 dias atingiremos zona mais frequentada pelos índios aldeados no rio Peixoto de Azevedo".

1 de fevereiro — A expedição procura área adequada para a construção de um campo de pouso. O local indicado pelo topógrafo da Funai se revelou impróprio, pois era muito sujo e sulcado por pequenos corregos. Surgem também os primeiros indícios dos índios gigantes.

8 de fevereiro — Os índios fazem enorme algazarra no acampamento porque conseguiram desentocar a poucos metros do local um tatu que irá melhorar o cardápio monótono da expedição, baseado quase sempre em arroz, feijão, carne de macaco ou peixe frito.

11 de março — Mais um fato pitoresco: as duas únicas panelas grandes da expedição são deixadas pelos índios na beira do correio, perto do acampamento. Chove muito durante o dia e as águas do ribeirão carregam as duas panelas. Apesar do frio, os índios tiveram que mergulhar no correio à procura das vasilhas.

18 de fevereiro — A expedição atinge o rio Braço Sul, um curso de água, segundo Cláudio Villas Boas, jamais percorrido por um homem branco. O primeiro aldeamento dos índios gigantes está próximo.

21 de fevereiro — Começa a construção do campo de pouso com a derrubada de grandes árvores nas proximidades do acampamento. O avião que está lançando os viveres para a expedição também voa sobre a aldeia dos kranhacárores lançando presentes e latas com fotografias dos sertanistas.

13 de março — O campo de pouso já está quase pronto, pois nos últimos dias a expedição recebeu reforços com a chegada de mais 11 índios aculturados. A pista terá 20 metros de largura por 300 de comprimento.

19 de abril — Novos vestígios dos kranhacárores: Cláudio Villas Boas encontra um de seus antigos acampamentos de caça. A expedição se apronta para mudar de acampamento, agora mais perto dos gigantes.

24 de abril — Os sinais são agora frequentes, quase diários: rastros, trilhos, ramos quebrados. Em vista disso, Cláudio Villas Boas recomenda maior cuidado aos membros da expedição e aos empregados do 9.º BEC, pedindo-lhes que andem sempre em grupo para evitar qualquer ataque de surpresa.

21 de maio — O fotógrafo Reginoldo Manente, de O Estado, voa sobre o acampamento de Cláudio Villas Boas, às margens do Peixoto de Azevedo, e lança uma carta informando que na base de Cachimbo, foram encontrados sinais da visita dos índios gigantes. Os kranhacárores tinham estado lá e deixaram uma borduna nas proximidades da base. As interpretações são diversas: não se sabe se é um gesto de paz ou de guerra.

25 de maio — Como Cláudio temia, ocorre o primeiro ataque dos índios gigantes. Um dos trabalhadores da estrada é flechado, mas felizmente não é atingido em parte vital.

3 de junho — Um novo incidente: um elemento do 9.º BEC atirou, segundo ele, contra um macaco exatamente no momento em que alguns índios gigantes se aproximavam. Disse que não tinha percebido os índios, mas com os disparos, eles se assustaram e saíram correndo. Mais um motivo de preocupação para os irmãos Villas Boas.

Agosto — Os kranhacárores incendiam sua aldeia e desaparecem na mata.

3 de outubro — Um índio da expedição vê os kranhacárores recolhendo os presentes deixados na margem oposta do rio onde está o acampamento.

15 de outubro — Um grupo numeroso de índios gigantes vem recolher novos presentes. Cláudio tenta se aproximar num batelão, mas quando está a 10 metros da margem, o último kranhacárore desaparece. Essa foi a penúltima vez em que

Durante quase todo o período em que os irmãos Villas Boas acamparam às margens do Peixoto de Azevedo, dois reporteres do Estado acompanharam todo o trabalho de atração dos índios gigantes; são deles os dois depoimentos que publicamos nesta página, juntamente com o noticiário sobre o desfecho da missão. Na página ao lado, a vida, o exito e a desilusão dos sertanistas.

Os últimos primitivos

Valentes e arredios, altos e fortes, cabelos raspados, o corpo pintado de preto". Assim o sertanista Cláudio Villas Boas descreve os kranhacárores, os temíveis índios gigantes que vivem isolados no extremo Norte de Mato Grosso e que antontem mantiveram o primeiro contato definitivo com os civilizados.

Segundo Cláudio, eles constituem a última civilização indígena primitiva do Brasil e talvez do mundo. E seu maior temor é que os kranhacárores, por mais arredios que permaneçam, terão prejudicada sua cultura autêntica e desvirtuados seus hábitos e costumes.

"Quando deixei o posto Leonardo Villas Boas, no Xingu,

em janeiro do ano passado — lembra Cláudio — parti com o objetivo de contactar e pacificar os gigantes, para que eles não entrassem em conflito com os responsáveis pela abertura da rodovia Cuiabá-Santarém".

A medida em que foi conhecendo os hábitos e costumes dos kranhacárores, percebeu que eles eram uma das últimas raças puras do mundo. Pelo seu porte rígido e pela altura, eles chegaram a lembrar a raça ariana, forte, pura e autêntica, que Hitler pretendia. Foi então que começou a perceber que estava contribuindo para a destruição da última raça primitiva do mundo, porque ninguém consegue ser autêntico em contato com o civilizado.

Desde a segunda quinzena de janeiro de 1972 o sertanista Cláudio Villas Boas vive no meio da selva, dormindo em redes, alimentando-se basicamente de peixe, macaco e formiga. Nesse período, rompeu matas virgens, atravessou rios desconhecidos, sentiu febre, passou privações. Tudo com o objetivo de manter contato com os kranhacárores. Agora que ele conseguiu, está triste. Cláudio acredita que os kranhacárores em contato com os civilizados vão perder, em pouco tempo, sua autenticidade. "Eles deviam ficar isolados em suas terras, onde são fortes e felizes. Nunca em locais onde naturalmente se sentirão prisioneiros".

José Marquês

A comunicação difícil

Trezentos e oitenta e dois dias podem parecer muito tempo para que uma expedição chefiada por um dos mais experientes sertanistas do País consiga contato amistoso com alguns índios que insistem em permanecer isolados no meio das selvas, apesar de já estarem praticamente cercados por estradas e fazendas de criação de gado.

Rondon levou mais de seis anos para conseguir o mesmo com os arredios pareis, de Rondônia. Mas isso foi no começo do século, quando o mais eficiente meio de transporte era uma tropa de burros e a comunicação só poderia ser feita por telegrafia, através de uma linha que o chefe da expedição implantava a duras penas. Hoje, com a radiofonia portátil e o avião para observação e transporte tudo poderia ser muito mais fácil.

Entretanto, não é. Por uma simples razão: a dificuldade básica continua sendo a mesma — como manter diálogo com uma tribo da qual não se conhece a língua ou os costumes? Como se fazer entender somente por gestos, sinais ou presentes deixados próximo às aldeias? Como dizer, sem palavras, que os propósitos da expedição são pacíficos?

MISSÃO

O diálogo sem palavras é realmente quase impossível. Mas essa é a missão básica dos sertanistas e eles, já tão acostumados a isso, nem chegam a

fazer uma idéia clara da dificuldade.

Num dia de agosto de 72, porém, essa dificuldade tornou-se angustiante. A expedição estava acampada a uns seis quilômetros das aldeias. Já havia notado por várias vezes a aproximação dos kranhacárores, e aguardava a observação que o pequeno avião de reconhecimento da FAB fazia diariamente do movimento nas malocas dos índios gigantes para decidir quais as providências que deveriam ser tomadas.

O avião, pilotado pelo tenente Schuritzman e conduzindo o fotógrafo Reginoldo Manente, de O Estado, apareceu por volta das 10 horas da manhã. Voou sobre o acampamento e seguiu para a observação da aldeia. Em terra, pelo pequeno rádio a bateria, os irmãos Villas Boas ouviam o diálogo entre o piloto e o fotógrafo, feito através do interfone do avião que estava ligado ao rádio transmissor.

— Parece que eles abandonaram a aldeia.

— E? e queimaram tudo. Não sobrou nenhuma palhoça.

— Olha lá: ainda tem índio por aí. Eles estão deixando a aldeia agora.

— Olha uma fila deles seguindo naquela direção.

SEM DIÁLOGO

O diálogo anunciava grandes e importantes novidades, que poderiam alterar muito os planos da expedição. Entretanto, na hora em que o piloto voltou

a voar sobre o acampamento para transmitir suas observações, ocorreu uma pane no transmissor da expedição. Ouviu-se tudo que o piloto falava. Mas não se podia informá-lo do que estava ocorrendo em terra. O avião dava razantes e voava em círculo sobre o acampamento, tentando obter uma resposta dos seus insistentes chamados.

No acampamento, ainda havia a esperança de que o avião pelo menos fizesse o seu relatório. Ou que dissesse em que rumo estavam seguindo os índios (eles poderiam estar vindo atacar o acampamento).

Para dar a entender ao piloto que ele estava sendo ouvido, foi tentado tudo: gestos de "positivo" (polegar levantado) junto ao ouvido do pessoal em terra; gritos (o avião estava tão próximo que talvez fosse possível comunicar alguma coisa; música de todas as espécies.

Mas nem o tenente, nem o fotógrafo entenderam, o que a expedição queria dizer com todos aqueles sinais.

A desilusão e a frustração foram imensas naquele dia: se a expedição não conseguiu se fazer entender, nunca coisa tão simples, a duas pessoas esclarecidas, companheiros da mesma missão, irmãos da mesma civilização, como se comunicar com indivíduos que ainda vivem na idade da pedra e que consideram os brancos inimigos?

Luiz Saigado Ribeiro

Flexada retarda a paz

Mesmo assim, o temido encontro, sem a necessária preparação dos índios, que poderia resultar em atritos entre os selvagens e os civilizados, acabou acontecendo a 25 de maio: Aureliano Bispo de Oliveira, um dos integrantes do grupo de topógrafos do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção, foi flechado pelos índios, na perna e na coxa, a apenas dois quilômetros do local onde a equipe avançada da expedição da Funai estava acampada, às margens do Rio Peixoto de Azevedo.

Posteriormente, Aureliano contou que fora surpreendido por um grupo de aproximadamente 15 índios gigantes, que dispararam várias flechas contra ele. Ainda que ferido, o funcionário da Funai conseguiu levantar-se e disparar sua espingarda em direção dos índios.

Para Orlando Villas Boas, irmão de Cláudio, isso foi apenas uma advertência, porque os índios poderiam facilmente ter liquidado os quatro trabalhadores da equipe. Isso, no entanto, não conseguiu evitar o surgimento de uma preocupação: o incidente poderia criar um clima de tensão entre índios e brancos, prejudicial aos planos de pacificação e ao andamento do cronograma de obras da estrada, que terá 1.652 quilômetros de extensão e ligará a região Centro-Oeste com o Médio Amazonas.

Passada a fase árdua do primeiro contato, conseguido nos últimos dias, a Funai deverá se preocupar agora com a criação de uma reserva para os índios gigantes a Oeste da Cuiabá-Santarém.



Na rota dos gigantes, Villas foram incansáveis